

O imigrante como objeto, a fronteira como um portão: como a mídia impressa percebe o imigrante haitiano e o papel das fronteiras no Brasil e no Rio Grande do Sul

Roberto Rodolfo Georg Uebel¹

Resumo: O artigo pretende discutir a abordagem da mídia impressa brasileira sobre a migração de haitianos em direção ao Brasil e, mais especialmente, ao estado Rio Grande do Sul na contemporaneidade, focando nos sentidos dados ao indivíduo imigrante e às fronteiras na construção deste processo migratório. Analisando notícias num recorte temporal recente, entre 2010 e 2015, num escopo que compreende veículos impressos de todos os matizes e ideologias, a pesquisa encontrou duas formas de abordagem: uma tradicional e outra que tende a uma perspectiva descolonial, esta constituída ainda de aportes ora sensacionalistas ora assistencialistas/solidaristas. Tais abordagens permitiram inferir as diferentes percepções e agências dadas ao imigrante haitiano e às fronteiras por parte do Estado num escopo midiático de múltiplas semelhanças, apesar dos pluralismos ideológicos existentes.

Palavras-chave: Imigração; haitianos; fronteira; mídia.

The immigrant as an object, the border as a gate: how the printed media perceives the Haitian immigrant and the role of borders in Brazil and in Rio Grande do Sul

Abstract: The article discusses the approach of the Brazilian media on the migration of Haitians towards Brazil and, more specifically, to the state of Rio Grande do Sul in the contemporaneity, focusing on the meanings attributed to the individual immigrant and borders in the construction of this migratory process. Analysing news in the recent time frame between 2010 and 2015, in a scope that comprises printed media of all kinds and ideologies, the results found two ways of approach: one traditional and one that tends to a decolonial perspective, this one constituted with a sensationalist approach or an assistentialist/solidarist one. These approaches allowed the inference of different perceptions and agencies given to the Haitian immigrant and borders by the State in a mediatic scope of multiple similarities, despite the existing ideological pluralisms.

Keywords: Immigration; haitians; border; media.

Introdução

Já arguia Durkheim (2007) que um fato social consiste em maneiras de agir, de pensar e de sentir que exercem determinada força sobre os indivíduos, obrigando-os a se adaptar às regras da sociedade onde vivem, e tais fatos são coletivos, ou seja, não existem para um único indivíduo, e sim para todo um grupo, ou sociedade. E é justamente na análise destes fatos coletivos que a imprensa e a academia possuem agência conjunta, todavia, divergentes e, frequentemente, excludentes.

Considera-se a imigração como um “[...] fato social total, que envolve e permite o

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisador do Laboratório de Estudos Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). roberto.uebel@ufrgs.br

cruzamento das ciências sociais (história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia, antropologia, linguística e ciência política). Falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica (em perspectiva histórica) e também sincrônica, abordando as estruturas presentes na sociedade e no seu funcionamento” (OLIVEIRA, 2006, p. 17).

Pressupõe-se, portanto, que a imprensa e a academia possuam um papel ativo e ativo na análise, estudo e apresentação dos fenômenos migratórios, sejam eles pretéritos ou contemporâneos. Ao passo em que a mídia² se apresenta como um dos principais canais de divulgação da informação cientificada – mas não científica –, as pesquisas acadêmicas acabam por se restringir a um restrito espaço de divulgação e discussão, Strassburger e Costa ainda colocam que: “Importa elucidar que a mídia é composta por uma mescla de informações e interferências dos mais variados campos, sendo um discurso construído a partir de outros tantos discursos e de inúmeras influências das várias instâncias presentes na sociedade. Através de todas as intervenções que atingem a mídia, em suas práticas discursivas, são conformados seus discursos, como o institucional e o jornalístico” (STRASSBURGER; COSTA, 2014, p. 5).

Nesse sentido, as migrações contemporâneas vêm ganhando um destaque midiático assaz diferente daquelas ocorridas entre o final do século XIX e início do século XX. Enquanto naquele período migrantes europeus e asiáticos procuravam no continente americano uma oportunidade para reconstruírem suas vidas devastadas pela guerra, pela fome e pela escassez – e por ora foram bem recebidos pelas comunidades locais, além de servirem como mão de obra barata ou para fins de povoamento determinado pelos governos centrais (BERNARDES, 1997) –, o que se observa hoje é um majoritário ataque midiático diário sobre os migrantes refugiados sírios na União Europeia e sobre os imigrantes econômicos haitianos, senegaleses e de outras nacionalidades da costa oeste africana no Brasil.

Ademais, ao passo em que a fronteira – caracterizada aqui como limite territorial – não possuía um papel especial ou de destaque nas migrações dos séculos passados em direção ao Brasil, uma vez que estes migrantes chegavam ao território brasileiro exclusivamente por transporte marítimo (RAMOS; ARENDT; WITT, 2012), a situação contemporânea re-caracteriza o papel da fronteira nas migrações recentes.

Utilizando-se especialmente das fronteiras nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil, os imigrantes caribenhos e africanos, após longo e perigoso trajeto, iniciam a sua rota no território brasileiro por locais que antes serviam quase que exclusivamente ao trânsito local e também onde ocorrem outras práticas transfronteiriças, como o próprio contrabando (DORFMAN, 2013).

Assim, cidades fronteiriças brasileiras, tais como Brasília, no estado do Acre, que antes eram desconhecidas no restante do país, passaram a ter notoriedade nos noticiários e na mídia impressa, especialmente pelo fluxo majorado destes novos grupos de imigrantes e pelas consequências destes, tais como superlotação de abrigos, filas nos postos de controle migratório, escassez de funcionários do Estado brasileiro para atenção aos migrantes etc.

Posto isto, o presente ensaio buscará analisar as diferentes percepções da mídia brasileira sobre o papel das fronteiras no caso específico da imigração haitiana, já que agora as fronteiras, não apenas como limite territorial, mas também como espaço de circulação e trocas, possuem um papel fundamental e re-significado na consecução das práticas e políticas migratórias, ganhando, inclusive, destaque nas eleições presidenciais de 2014, fato inédito na história eleitoral brasileira. Enquanto veículos de imprensa mais tradicionais ainda tratam a questão com uma perspectiva tradicional e deveras negativa, outros setores passam a adotar uma visão descolonial e positiva sobre as migrações e as fronteiras.

Além da parte introdutória, o ensaio está dividido em duas seções: a primeira com a caracterização e descrição da imigração haitiana para o Brasil (com destaque para o trajeto até o 2 Sobre os conceitos de mídia e imprensa, ainda que possuam dentro das Ciências da Comunicação definições distintas, neste artigo serão interpretados como sinônimos, posto que o objetivo do artigo é demonstrar as diferentes percepções sobre a mídia, imprensa, isto é, entidades de comunicação formadoras de opinião e divulgadoras de notícias e fatos, sociais ou não, sobre as migrações de haitianos e o papel das fronteiras. Para uma discussão dos termos, consultar Guazina (2007).

estado do Rio Grande do Sul) e a segunda com a discussão sobre as diferentes percepções da mídia sobre as fronteiras e este fluxo migratório específico. Por fim, as conclusões trazem as inferências e apontamentos para a discussão do tema, cada vez mais crescente na academia e imprensa brasileira.

A imigração haitiana para o Brasil e Rio Grande do Sul

A imigração de haitianos ganhou destaque nas estatísticas e na imprensa brasileira a partir de um período de tempo muito recente (2010-2014). Tal situação se dá após a crise econômica internacional aliada à guerra civil e crise humanitária no Haiti bem como à instabilidade econômica e política do país, somando-se a atratividade econômica e laboral verificadas pelo Brasil e, em especial, pelo Rio Grande do Sul no mesmo período.

Todavia, Uebel (2015), ao analisar os dados estatísticos e documentos cartográficos de representatividade deste grupo migratório, tanto no Brasil como no Rio Grande do Sul, chegou ao seguinte ranking para o biênio 2013-2014: os haitianos estão em 16º lugar no índice dos maiores grupos migratórios no Brasil; no Rio Grande do Sul enquadram-se como 3º maior grupo migratório.

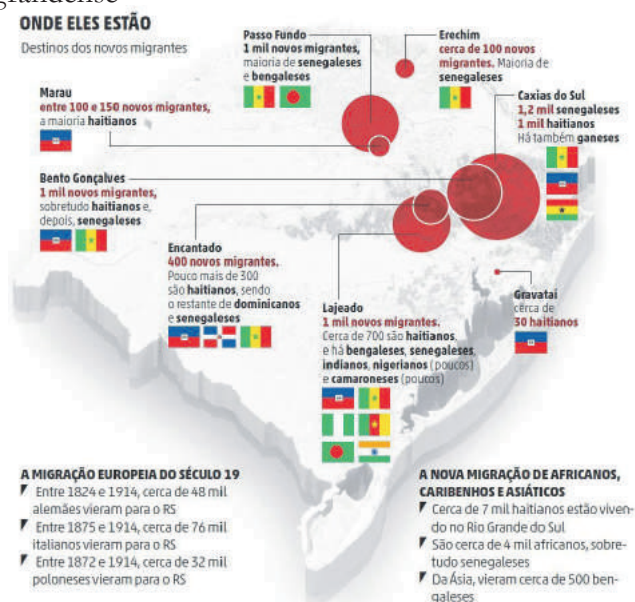
Posto isto, apesar de sua notoriedade – aparentemente midiática e *sensacionalista* – tal grupo não representa – à exceção do Rio Grande do Sul – somas elevadas e consideráveis de indivíduos, se comparados a outros grupos recentes, como os bolivianos e chineses, por exemplo.

Nesse sentido, a indagação que levou à consecução desta investigação deu-se primordialmente pela necessidade de aferir-se quais as reais repercussões da imigração haitiana no Brasil e no próprio Rio Grande do Sul.

Ressalta-se, além disso, que tais fluxos são partícipes do *boom* migratório verificado tanto nesse estado como no Brasil em 2010 e em 2013-2014, que também participaram de um *boom* midiático e, porque não, acadêmico, com ponderações e inferências nem sempre corretas ou correspondentes à realidade.

Como contraposição, apresenta-se a Figura 1, um mapa amplamente circulado e divulgado na imprensa local, que supostamente apresentaria o panorama migratório de africanos, haitianos e outros grupos “não tradicionais” num “novo perfil migratório” do Rio Grande do Sul após 2013.

Figura 1 – Mapa do Estoque migratório contemporâneo e destino dos novos imigrantes segundo a imprensa sul-rio-grandense



Fonte: Rollsing e Trezzi (2014).

O papel da imprensa é fundamental e inquestionável quando do aspecto da liberdade

de expressão e informação a todos os públicos, especialmente quando trata de assuntos migratórios, já que estes apresentam-se em uma *fronteira* entre política, sociedade e economia. Todavia, é papel também da imprensa utilizar-se de fontes científicas e empíricas para a apresentação de dados que dizem respeito à demografia, população e à coletividade, já que estes exprimem a “verdadeira realidade dos fatos” e sua divulgação é amplamente debatida e questionada.

Nesse sentido, vem se observando um processo de desinformação³, tanto por parte da mídia como pela sociedade, no que tangencia a questão migratória recente no Brasil e, por conseguinte, no Rio Grande do Sul, como bem mostra o mapa anterior se confrontado com os dados estatísticos reais fornecidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego (tem), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Polícia Federal, além de outros órgãos.

Se analisarmos estes dados apresentados, claramente há a conclusão de que não há 7 mil imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul, mas apenas 2.503 indivíduos, embora distribuídos corretamente conforme o mapa da Figura 1 e que descreveremos a seguir.

É justamente por causa destes processos de desinformação e divulgação desenfreada de realidades não verificadas ou acentuadas por um motivo ou interesses desconhecidos, que levam em certa parte ao verificado pensamento xenofóbico (que leva a interpretações e comentários como o da Figura 2) e de repulsa aos imigrantes haitianos, que a presente pesquisa buscará apresentar; portanto, o real tamanho destas duas migrações, suas repercussões e motivações específicas, levando-se a uma inferência e pensamento conclusivo muito distante do apresentado pelo senso comum e midiático.

³ É recorrente a publicação de notícias que se utilizam de termos pejorativos ou que demonstram total desconhecimento dos processos migratórios contemporâneos, já capitaneados por uma “revolução” ocorrida na academia e imprensa europeia e norte-americana, mas não seguida pelas suas contrapartes brasileiras, que ainda preferem o uso de termos como “imigrantes ilegais” e “invasão”. Um caso recente é o de uma conhecida publicação semanal brasileira que chegou a apontar uma crise migratória no Brasil e que não condiz com a realidade dos dados estatísticos, conforme segue: “Cerca de quatro mil haitianos migraram para o Brasil desde o terremoto de 2010, geralmente passando primeiro pelo Equador, um país pobre com política complacente de vistos. O Brasil abriu uma exceção para os haitianos, em contraste com quem busca emprego vindo de países como Paquistão, Índia e Bangladesh, que chegam por rotas amazônicas similares, mas costumam ser expulsos” (REVISTA VEJA, 2012). Este parágrafo, pertencente a uma reportagem denominada “Crescimento brasileiro absorve pobres do Haiti, por enquanto”, reflete o desconhecimento e contradições dentro da própria imprensa acerca dos fluxos migratórios então apresentados, além de desconhecerem que o Equador não apresenta uma “política complacente de vistos”, mas senão uma das mais modernas e humanitárias aberturas a estrangeiros imigrantes, asilados e refugiados, sendo tal política reconhecida por órgãos como Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, Organização das Nações Unidas e Organização Internacional para as Migrações (OIM).

Figura 2 – Comentários xenofóbicos e de repulsa aos imigrantes haitianos em uma revista de circulação nacional (nomes preservados)

Comentários

VEJA

Nome: E-mail: Comentário:

Aprovamos comentários em que o leitor expressa suas opiniões. Comentários que contenham termos vulgares e palavrões, ofensas, dados pessoais (e-mail, telefone, RG etc.) e links externos, ou que sejam ininteligíveis, serão excluídos. Erros de português não impedirão a publicação de um comentário.

» Conheça as regras para aprovação de comentários no site de VEJA

marcos

Estou sem emprego a quase dois anos, ando pela minha cidade e região todos os dias por um emprego - mas pelo jeito, como no BRASIL os brasileiros vem depois, vou ter que esperar todos os empregos serem tomados por haitianos, europeus e depois quem sabe sobrar uma vaga pra mim neh

13.04.2012

Cícero

Bom saber que o Brasil é igual a coração de mãe que acolhe a todos. porém, seu foco deveria ser aos filhos brasileiros.

20.01.2012

Bener

O governo não consegue cuidar dos pobres brasileiros, hipocritamente, diz que cuidará de estrangeiros. Isso é uma pada de mal gesto.

16.01.2012

Arani

Impossível compreender, por que o Brasil gasta tanto dinheiro com a manutenção dos soldados no Haiti e agora possivelmente, oferecerá a esses "excluídos", bolsas e vales, porque a suposta garantia de emprego é bem improvável que consigam. E nós pagando!

15.01.2012

Silva

Não sou mesmo contra a imigração de estrangeiros ao Brasil, principalmente de países mais pobres, mas acho uma desconsideração que nosso governo dê mais atenção a estrangeiros que aos crimes homofóbicos e abomino o descaso dos políticos com cidadãos naturais brasileiros que são homossexuais.

Fonte: Revista Veja (2012).

Esta primeira seção abordará a imigração de indivíduos haitianos em direção ao estado do Rio Grande do Sul após o ano de 2010, mais especialmente a partir de 2013, em virtude destes imigrantes se apresentarem como o terceiro maior contingente migratório do estado, apenas atrás dos fronteiriços imigrantes uruguaios e argentinos e afrente de outros tradicionais grupos como portugueses, italianos e alemães, segundo as estatísticas recentes do MTE e Polícia Federal e que deverão ser confirmadas no próximo Censo do IBGE.

Segundo estes dados, havia até o mês de outubro de 2014, 2.503 imigrantes de origem haitiana, majoritariamente chegados após um longo processo de migrações e rotas internas no Brasil, que estão apresentadas no mapa da Figura 3, seguindo os relatos obtidos dos próprios imigrantes durante a pesquisa de campo realizada no estado do Acre em julho de 2014 e no Rio Grande do Sul nos meses de agosto e setembro do mesmo ano, além dos dados de rotas e redes obtidos nos estudos de Seixas (2014).

Figura 3 – Mapa da Rota dos imigrantes haitianos em direção ao Rio Grande do Sul



Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base no mapa desta Figura 3, em referência às rotas migratórias dos haitianos, percebe-se que estes ingressam de quatro formas distintas no território brasileiro e sul-rio-grandense, conseqüentemente. Segundo os relatos advindos da pesquisa de campo e questionamentos informais realizados por Uebel (2015) com estes imigrantes, a partida do Haiti se dava de duas formas: Rota A, aérea, da capital Porto Príncipe, até a Cidade do Panamá, capital do Panamá, ou Rota B, aérea ou terrestre até Santo Domingo, capital da República Dominicana, de onde partem também para a Cidade do Panamá.

Destarte, a Cidade do Panamá torna-se a primeira parada obrigatória antes destes imigrantes prosseguirem à segunda parte do trajeto até o território brasileiro, já que não há voos comerciais diretos entre o Haiti ou a República Dominicana e o Brasil, além do que, segundo a percepção oriunda dos relatos, há intermediários que fazem o processo de compra dos bilhetes aéreos bem como os trâmites de transporte destes imigrantes, porém, não há, neste momento, hipótese conclusiva de que se tratam de *coiotes* na mesma acepção tradicional das migrações internacionais, como no caso dos próprios brasileiros que emigravam para o

Estados Unidos via México décadas atrás.

Após a chegada na Cidade do Panamá, os imigrantes que partem para o Brasil – outros procuram emigrar para outros países da América Central e América do Sul – seguem três rotas distintas, com a predominância de uma delas nos casos verificados, a Rota 1, que é a mais barata⁴, porém, mais longa e perigosa para os imigrantes, que compreende um trajeto aéreo até Quito, no Equador, pela facilidade de ingresso no país, e depois um trajeto aéreo até Lima, no Peru, onde são recebidos por outros intermediários que fazem o penoso trajeto terrestre até o Brasil, ingressando, predominantemente, pela fronteira da Bolívia, pela cidade de Cobija, que faz fronteira com o município acreano de Brasiléia, que possui cerca de 22 mil habitantes e que chegou a registrar mais de dois mil imigrantes num só dia em janeiro de 2014 (BRASIL, 2014).

Dada a facilidade de ingresso pela fronteira entre Cobija e Brasiléia, justificou-se a maior parte dos fluxos advindos por esta rota, predominando em até 90% dos casos registrados. Todavia, com o fechamento dos abrigos (Figura 4) de imigrantes na cidade, o fluxo destinou-se, a partir do segundo semestre de 2014, predominantemente até Rio Branco, capital do estado do Acre, onde muitos imigrantes partiram, via terrestre ou aérea, sob responsabilidade do Estado brasileiro, para outros estados, como Rondônia, São Paulo, Mato Grosso e Rio Grande do Sul.

Figura 4 – Abrigo de imigrantes haitianos e senegaleses em Brasiléia (AC)



Fonte: Conectas Direitos Humanos (2014).

O abrigo de Brasiléia, que foi aberto em dezembro de 2010, teve suas atividades encerradas em abril de 2014 por determinação do governo acreano após denúncias de violação dos direitos humanos e insalubridade por parte do Ministério Público daquele estado. No período, passaram pelo abrigo vinte mil indivíduos, segundo contagem da Polícia Militar do

4 Estima-se que: “Haitianos que entram no País através do Amazonas chegam a pagar US\$ 650, o equivalente a R\$ 1, 2 mil, a ‘coiotes’ em troca de estadia, passagem e oportunidade de trabalho. De acordo com o delegado da Polícia Federal (PF) em Tabatinga, Alexandre Rabelo, o ‘serviço’ é acertado pelos haitianos ainda no país de origem com a ajuda de amigos e parentes. [...] a PF prendeu o suspeito, que cobrava até US\$ 2 mil para trazer os cidadãos haitianos do Peru até o Brasil. [...] A renda per capita anual [do Haiti] soma US\$ 410 (R\$ 740), o que revela o perfil social desses imigrantes, pertencentes à camada de maior poder aquisitivo. [...] Haitianos [...] contam que a ação dos ‘coiotes’ inicia no aeroporto de Santo Domingo, com o pagamento de US\$ 300 para a realização da viagem até Quito e segue com o desembolso de mais US\$ 200 no desembarque” (ARAÚJO, 2011, p. 1, grifo do autor).

Acre e das entidades sociais que mantinham o local com doações e trabalho voluntário.

Nesse sentido, após chegarem a Rio Branco, os imigrantes que se destinaram ao Rio Grande do Sul passaram por São Paulo, em virtude dos trâmites aéreos e burocráticos – dada a saturação de atendimento para a emissão dos documentos de trabalho e de estrangeiros pelos órgãos competentes no Acre – realizados naquele estado.

Assim, apresenta-se na Figura 5 o trajeto realizado de Rio Branco até São Paulo pelos haitianos, destacando-se novamente o papel das fronteiras:

Figura 5 – Rota dos imigrantes haitianos e senegaleses desde Rio Branco até São Paulo



Fonte: Ferraz e Prado (2014).

Ademais, outras três rotas foram verificadas em menor proporção: Rota 2, que parte diretamente da Cidade do Panamá até Porto Alegre, considerada a rota mais cara e menos praticada pelos imigrantes, mas realizada em virtude do menor tempo despendido e por aqueles imigrantes que já possuíam empregos acertados no Rio Grande do Sul – ou seja, aqueles que são da *segunda geração* de imigrantes, vindouros após o estabelecimento de redes de contato com os primeiros imigrantes, logo após 2010 e 2011; a Rota 3 compreende também uma partida da Cidade do Panamá, contudo, com direção até São Paulo, porém não obtendo emprego ou condições de permanência naquele estado, os imigrantes realizaram uma migração interna em direção ao Rio Grande do Sul, dadas as redes de trabalho já existentes; por fim, a Rota 4 foi praticada também em menor grau por aqueles imigrantes com maior poder aquisitivo que já possuíam propostas de emprego no Rio Grande do Sul e optaram pela ligação aérea direta, o que em representação proporcional não chega a 3% dos casos.

Posto isso, observa-se que as quatro rotas de imigração dos haitianos são constituídas de redes de contatos e informações, distribuídas no que concluímos ser *gerações de imigrantes* em um curto período de tempo, isto é, a *primeira geração* dos imigrantes haitianos, após a crise humanitária e terremoto de 2010, não tinha como destino final – ou objetivo principal – o Rio Grande do Sul e era predominantemente constituída de homens, solteiros e pais de família desacompanhados, que vislumbravam apenas a chegada ao Brasil e inserção no mercado laboral.

Já a *segunda geração* possui um caráter distinto da primeira, ao passo em que, estabelecidas as redes com os primeiros emigrados, retoma-se após 2013 um forte fluxo, já destinado ao Rio Grande do Sul ou com a expectativa de se deslocar até um dos estados da Região Sul do Brasil, daí incluindo-se mulheres, imigrantes mais velhos, famílias completas com crianças e com graus de instrução mais variados.

Destarte, a motivação que levou a estas duas gerações de imigrantes, seguindo-se os preceitos de Piore (1979), é a mesma: melhores condições laborais – ou seja, salariais – e possibilidade de construção de um projeto de vida familiar no Brasil, já que não há perspectivas de retomada do crescimento do Haiti no médio e mesmo no longo prazo. O que as diferencia são suas caracterizações demográfico-sociais, rotas e forma como são atraídos ao Rio Grande do Sul, além do que a segunda geração apenas emigrou por causa de uma rede já estabelecida pela primeira geração.

Segundo as discussões realizadas no âmbito da 1ª COMIGRAR e de próprios estudos recentes da OIM, o fator principal que levou ao ato de emigrar para o Brasil destes indivíduos foi a atuação estratégica brasileira no Haiti capitaneada pelas ações da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), gerida pelas próprias forças brasileiras.

Assim, a presença maciça brasileira em território haitiano, somada às propagandas positivas do país pelos *peacekeepers* e outras motivações de íterim pessoal, bem como o crescimento atrativo do mercado de trabalho e da economia brasileira, além de ser um país mais fácil de imigrar do que outros vizinhos, como Estados Unidos e Canadá, conjugaram em um *pacote único motivacional* que obteve como consequência este *boom* imigratório de haitianos ao Brasil e Rio Grande do Sul, respectivamente.

Deste modo, a presença dos haitianos no Rio Grande do Sul se justifica exclusivamente pela oportunidade de emprego em postos onde há uma crescente demanda não atendida pelos próprios locais, uma tendência natural de um estado que passa pelo processo de assimilação de sua característica atrativa de imigrantes, assim como já ocorreu com o Québec e a Catalunha. Ressalta-se novamente que estes imigrantes não competem pelos mesmos postos de trabalho que os habitantes locais, muito embora o senso comum pondere o contrário, embasado pela própria imprensa em matérias com dupla interpretação do conteúdo⁵.

Por fim, Rückert, Carneiro Filho e Uebel (2015) ainda sintetizam o perfil acumulado do imigrante haitiano no estado do Rio Grande do Sul: homem, adulto (entre 19 e 50 anos), alfabetizado, com no mínimo nível primário de ensino e com os possíveis vieses: casado (cerca de 40%) ou solteiro (aproximadamente 60%), com dependentes hipossuficientes diretos de primeiro ou segundo grau e uma formação profissional, além de hábeis – não necessariamente proficientes – em três ou quatro línguas: *créole haitien*, francês, espanhol e português, além de contarem à época com uma renda média mensal de um salário mínimo brasileiro (R\$ 724,00), duas vezes maior que o salário mínimo haitiano que era de 6.500 gurdes (moeda oficial do Haiti), aproximadamente R\$ 349,00⁶.

As percepções da mídia sobre o papel das fronteiras na imigração haitiana recente

Apresentado o perfil da imigração haitiana para o Brasil e o Rio Grande do Sul,

5 “Haitianos e senegaleses em SC: ‘Imigrantes ocupam postos que são dispensados’, diz representante da Fiesc”. Disponível em: <http://horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2015/05/haitianos-e-senegaleses-em-sc-imigrantes-ocupam-postos-que-sao-dispensados-diz-representante-da-fiesc-4767617.html>. Acesso em 10 de novembro de 2015.

6 Dados obtidos junto à Organização Internacional do Trabalho, que podem ser consultados nesta página: http://www.ilo.org/ilostat/faces/home/statisticaldata/data_by_subject/subject-details/indicator-details-by-subject?subject=EAR&indicator=EAR_INEE_NOC_NB&datasetCode=AH&collectionCode=GWR&_afLoop=529338742949461#%40%3Findicator%3DEAR_INEE_NOC_NB%26subject%3DEAR%26_afLoop%3D529338742949461%26datasetCode%3DAH%26collectionCode%3DGWR%26_adf.ctrl-state%3Dr0zw338r4_397. Valores consultados em 26 de novembro de 2014.

a presente seção analisará a abordagem da mídia sobre o papel exercido pelas fronteiras no trajeto, controle e até mesmo coerção dos fluxos migratórios de haitianos. Procurar-se-á demonstrar, ainda, que há desde uma abordagem tradicional até uma nova perspectiva descolonial sobre o tema, conforme a qual encontra-se uma desmistificação do indivíduo migrante, bem como das próprias fronteiras, consideradas “cegas e abertas” outrora.

Tratando-se de um ensaio, nesta seção faremos a análise de alguns casos específicos, que não representam a totalidade dos veículos de imprensa existentes no Brasil, mas sim as tipagens e padronizações seguidas no trato da temática migrante e fronteiriça por grande parte da imprensa e dos setores midiáticos.

A abordagem tradicional: o migrante como objeto e a fronteira como barreira

Segundo Haesbaert (2010), a concepção mais tradicional de fronteira e migrações é aquela relacionada diretamente ao impedimento do livre trânsito migratório, segundo a qual ela possui o caráter estrito de limite, muro, interrupção de continuidades, diferenciando o lado de cá do lado de lá – vide-se o caso da fronteira entre os Estados Unidos da América e o México, por exemplo.

À reboque desta conceituação, os veículos mais tradicionais da imprensa brasileira, que no passado exaltaram as migrações europeias e asiáticas, em especial de japoneses, colocam as fronteiras como um lugar de livre-circulação, descontrole governamental, desatenção e inclusive de banditismo e contrabando, sempre referendadas por imagens criteriosamente selecionadas.

No caso da imigração haitiana, crescente em direção ao território brasileiro desde o terremoto de 2010, encontrando seu ápice nos anos subsequentes, conforme exposto na seção anterior, as manchetes desta abordagem tradicional seguiam um perfil, conforme segue: “As desprotegidas portas do Brasil” (Revista Veja, 17/06/2011), “Governo brasileiro fecha fronteiras aos haitianos” (Revista Veja, 10/01/2012), “Crescimento brasileiro absorve pobres do Haiti, por enquanto” (Revista Veja, 15/01/2012), “Brasil acolhe 148 haitianos retidos na fronteira com a Bolívia” (Revista Veja, 13/07/2012), “Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos” (Revista Veja, 02/02/2014), além de diversas outras reportagens.

Observa-se um padrão de caracterização do migrante haitiano como indivíduo-objeto (ANTUNES, 2015) que seria responsável pelos infortúnios das comunidades fronteiriças que lhes receberam, desde a superlotação dos abrigos e postos de saúde e assistência social, até os casos de justificativa de banditismo e pequenos delitos ou pela acusação de ameaça à saúde da nação, como portadores do vírus ebola⁷ (que se limitara ao continente africano).

Embora as revistas de circulação semanal tenham realizado reportagens especiais sobre as fronteiras, ora abertas ora fechadas pelo governo brasileiro, segundo a interpretação dos jornalistas, os jornais diários também tiveram papel de relevância quando da abordagem tradicional das fronteiras e migrante-objeto, vide-se o caso do jornal Folha de São Paulo de 27 de maio de 2014, que solicita “relatos” dos leitores sobre o ingresso de “migrantes haitianos ilegais” na Figura 6:

⁷ “Suspeita de ebola acirra preconceito contra haitianos”, disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/suspeita-de-ebola-acirra-preconceito-contra-haitianos-eeu8mc3u2uv4pww71dchgjdja>. Acesso em 10 de novembro de 2015.

Figura 6 – Estrato da notícia “Imigrantes ilegais entram no país por rede de ‘coiotes’; envie relato” publicada no jornal Folha de São Paulo de 27 de maio de 2014



cotidiano naç

rota ilegal na fronteira

Imigrantes ilegais entram no país por rede de 'coiotes'; envie relato

DE SÃO PAULO

27/05/2014 © 12h17

f Compartilhar t g+ in e < 8 OUVIR O TEXTO Mais opções

A **Folha** acompanhou, há duas semanas, o esquema que se consolidou livremente na fronteira da Amazônia ocidental, entre Peru, Brasil e Bolívia, e que é responsável por enviar semanalmente ao país uma média de 400 imigrantes ilegais, a imensa maioria haitianos e africanos.

A rede funciona graças a um endêmico sistema de corrupção que conta com o beneplácito de integrantes da Polícia Nacional peruana. A prática é similar ao tráfico de imigrantes entre o México e os EUA. Outra semelhança é o corredor de trânsito de cocaína. A principal diferença, contudo, é a violência, imensamente superior na fronteira mexicana.

Se você conhece algum caso de imigrantes que chegaram ao país aliciado por 'coiotes' envie seu relato para a **Folha**.

Para isso, basta acessar a página "Envie sua notícia", ou encaminhá-las diretamente pelo e-mail enviesuanoticia@grupofolha.com.br.

Também é possível enviar pelo aplicativo WhatsApp: (11) 99490-1649.

Fonte: Jornal Folha de São Paulo, de 27 de maio de 2014, disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/05/1460624-imigrantes-ilegais-entram-no-pais-por-rede-de-coiotes-envie-relato.shtml>.

Conforme apontam Simon e Alexander (1993) e mais recentemente Bucerius e Tonry (2014), este tipo de notícia, além de fomentar a denúncia de possíveis imigrantes em situação “irregular” ou “não-autorizada”, cria um sentimento de xenofobia e aversão ao trabalhador estrangeiro, comparáveis também com o caso estadunidense-mexicano e as práticas ilícitas.

Além dos termos “clandestino”, “ilegal”, “pobres”, “irregular”, a abordagem tradicional-colonial da imprensa brasileira coloca o papel da fronteira como se fosse o de um portão que pode ser aberto e fechado ao bel-prazer do governo federal, evitando-se o ingresso de qualquer indivíduo a qualquer momento, como se pode perceber no caso do jornal O Globo de 10 de janeiro de 2012, que coloca em sua manchete “Brasil decide fechar as fronteiras aos haitianos”⁸.

Novamente o imigrante haitiano aparece como sujeito-objeto, e não um ser humano em busca de oportunidade de emprego e reconstrução da vida pessoal e familiar em um ambiente de garantias previdenciárias e trabalhistas, e as fronteiras como apenas uma porta de acesso, um portão murado, sem vida, sem infraestrutura e sem práticas e trânsitos locais transfronteiriços, seguindo-se uma lógica centralizada na urbe do Sul-Sudeste, desconhecendo-se quaisquer práxis além desta.

Um exemplo se verifica na Figura 7, em que o jornal Correio do Povo, com uma das maiores circulações no Rio Grande do Sul, noticiou durante uma semana sete vezes a chegada de imigrantes haitianos, em números que, consideradas as proporções, são menores que o ingresso semanal de imigrantes de outras nacionalidades, tais como argentinos e uruguaios:

8 Disponível em: <http://noblato.globo.com/noticias/noticia/2012/01/brasil-decide-fechar-as-fronteiras-aos-haitianos-425532.html>. Acesso em 10 de novembro de 2015.

Figura 7 – Notícias sobre a chegada de imigrantes haitianos em Porto Alegre no jornal Correio do Povo

CIDADANIA

Compartilhar 8 | G+ | 1 | Tweetar 4

REFUGIADOS

Haitianos correm risco humanitário no Acre; estado pode fechar fronteiras

Imigrantes entram pela divisa com o Peru e já são 70 por dia; abrigo para 300 pessoas está servindo de moradia precária para 1,2 mil pessoas, inclusive mulheres e crianças

por Diego Sartorato, da REA | publicado 16/01/2014 17:46

São Paulo – O secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão, aconselhou o governador Tião Viana (PT) a solicitar o fechamento das fronteiras com Bolívia e Peru após o município de Brasileia ficar superlotado com refugiados haitianos. Ele realizou hoje (16) uma inspeção no acampamento montado desde 2010 para receber os haitianos que começaram a fugir em massa para o Brasil depois que a maior parte do país foi devastada por três terremotos, e constatou grande risco para a segurança dos imigrantes.



Haitianos no abrigo provisório de Brasileia, no Acre, aguardam oportunidade de moradia fixa e emprego no Brasil

“Em um local onde temos capacidade para receber 300 pessoas, hoje temos 1,2 mil refugiados. A situação é insustentável. Não temos comida, água potável e colchões para todos, e há risco de que essa situação precária leve a outras tragédias, como a proliferação de doenças ou um incêndio”, lamentou o secretário. Entre os refugiados, há 161 mulheres e dez crianças, que serão os primeiros removidos para a capital Rio Branco, onde o governo estadual espera encontrar uma solução definitiva para sua estadia no Brasil. “Já temos *know how* com esta situação. Desde 2010, 15 mil haitianos entraram no Brasil pelo Acre, e nós os ajudamos a encontrar emprego e moradia. Mas agora estamos lidando com gente demais de uma só vez”, explica Mourão.

Fonte: Jornal Correio do Povo (diversas edições sumarizadas a partir de busca textual na sua página de internet, disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/busca/?Texto=haitianos>).

Este tipo de abordagem é muito comum na imprensa estadunidense e europeia desde o fim da 1ª Guerra Mundial, como bem coloca Ureta (2011) ao citar o papel da mídia como formadora de opinião sobre as “imigrações ilegais”, mas surpreende na sua contraparte brasileira, ao passo em que ao mesmo tempo em que caracteriza o imigrante haitiano (e de outras nacionalidades) como negativo, assim como as fronteiras, como entidades sem vida e dotadas de portões e muros voláteis, também celebra a imigração de outros grupos, como japoneses, russos, alemães e italianos.

Inúmeros são os exemplos nos jornais e revistas de maior circulação do Brasil que se utilizam desta conceituação, errônea e propícia à criação do pensamento xenofóbico na sociedade, assaz influenciadas pelas escolas de jornalismo anglo-saxãs e europeias, sem a dotação de um contrassenso crítico ou questionador do porquê do aumento dos fluxos migratórios de haitianos.

Entretanto, a próxima subseção mostrará que uma abordagem descolonial ou questionadora passa a fazer parte de outros veículos da mídia brasileira, com reportagens inclusive no Haiti e que refazem o percurso destes imigrantes, além de um sensacionalismo transfigurado em assistencialismo e solidarismo, característica já duradoura de parte da imprensa brasileira, desde a época das migrações de nordestinos para São Paulo.

A abordagem descolonial: o imigrante como trabalhador e a fronteira como ponto de passagem e assistência

Se parte específica da imprensa brasileira ainda adota, a exemplo dos seus pares estadunidenses e europeus, uma abordagem tradicional e “não-receptiva” dos fluxos migratórios de caribenhos e africanos, e considera a fronteira como um lugar estritamente

de controle territorial, a outra parte passa a adotar uma perspectiva descolonial, isto é, um outro olhar sobre as migrações e sobre o próprio papel da fronteira.

Consoante colocam Jardim et al. (2010), esta perspectiva não surge para substituir a já consolidada pela academia e imprensa anglo-europeia, mas sim contestá-la e apresentar novos pontos de vista sobre os mesmos temas, indivíduos e agências.

Neste diapasão, algumas publicações de circulação nacional, conforme se verá a seguir, procuram adotar dois tipos de postura que identificamos: 1) tratar a situação-problema da migração de haitianos com uma perspectiva humanitária e de contribuição ao desenvolvimento do país, inclusive com o fortalecimento das regiões transfronteiriças e não da fronteira-limite; 2) utilizar-se do sensacionalismo transfigurado em assistencialismo e solidarismo – uma característica já consolidada em parte da imprensa brasileira (ANGRIMANI, 1994) para denunciar a situação dos haitianos e a necessidade da presença do Estado nas fronteiras.

Seguindo esta primeira abordagem, a Revista Carta Capital ilustra alguns exemplos desta perspectiva descolonial em suas manchetes ao longo dos últimos 4 anos: “Diáspora haitiana” (12/01/2012), “O Haiti é aqui” (13/01/2012), “Patriota pede apoio para impedir ação de coiotes na migração de haitianos” (03/05/2013), “Criação de lei de migrações é dívida histórica do Brasil” (21/08/2014), “A aurora da fronteira” (06/11/2015).

Nota-se ao analisar este tipo de abordagem descolonial a inexistência do emprego de termos como “ilegal” ou “clandestino”, ao passo que, segundo Colford (2013) e Christian, Jacobsen e Minthorn (2013), o termo mais apropriado seria imigrante não-autorizado ou sem permissão legal, posto que o direito de livre trânsito é preceito da legislação internacional⁹.

A fronteira também passa a ter um papel de destaque, mas não mais pejorativo ou negativo, embora estas publicações façam a denúncia da construção de muros e outros impeditivos legais para o livre trânsito de pessoas; quiçá, a manchete citada anteriormente que coloca “a aurora da fronteira” seja a tradução desta perspectiva descolonial, a fronteira como um espaço de vivências e construções de pontes entre o Sul e o Norte e vice-versa (BURGES, 2013).

Todavia, algumas publicações ainda misturam a perspectiva tradicional “colonial” com a descolonial, beirando ao tipo 2 que citamos anteriormente, sobre o assistencialismo e o solidarismo. O caso do jornal Zero Hora, que ensaiou um mapeamento dos grupos migratórios no Rio Grande do Sul, conforme a Figura 1 anteriormente apresentada, traz ao cerne do debate esta questão.

No intervalo de uma semana, as posições do jornal diferiram consideravelmente: “Programa de controle de fronteiras corre risco de ser paralisado” (25/05/2015), quando a reportagem assim coloca: “Em momentos de crise, *com imigração ilegal de haitianos* e crescimento do crime organizado nas bordas do país, os militares temem que a situação paralise o principal programa de controle de fronteiras do Brasil” (ZERO HORA, 2015, grifos nossos). Já na semana seguinte, por exemplo, surge a matéria do jornalista Léo Gerchmann com o título “Estenda a mão aos haitianos” (04/06/2015), que coloca a necessidade imediata da acolhida e encaminhamento destes imigrantes aos postos de trabalho e moradias adequadas.

Estes são apenas dois exemplos de muitos verificados na imprensa brasileira, sobre o trato das questões migratórias e das fronteiras, que transitam entre a positividade e a negatividade que trazem tais temas, sem um posicionamento direto e contundente. Segundo Melo (2004), este tipo de posicionamento é verificado especialmente em países que passam por este movimento de transição e *booms* imigratórios, pois não é possível medir de forma imediata as repercussões de tais fluxos e suas consequências nas bordas do país.

⁹ Artigo XIII. 2 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2009). E a Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de todos os Trabalhadores Migrantes e de seus Familiares, de 1990, que reconhece os direitos fundamentais de todos, em situação migratória regular ou não, disponível em: <http://acnudh.org/wp-content/uploads/2012/08/Conven%C3%A7%C3%A3o-Internacional-para-a-Prote%C3%A7%C3%A3o-dos-Direitos-Humanos-de-todos-os-Trabalhadores-Migrantes-e-Membros-de-suas-Fam%C3%ADlias.pdf>.

Para finalizar, uma abordagem descolonial, porém, beirando o sensacionalismo midiático, se sobrepõe às demais perspectivas de notícia sobre a migração dos haitianos e das fronteiras, como no caso da Revista Brasil Atual do dia 16 de janeiro de 2014, que coloca em sua manchete “Haitianos correm risco humanitário no Acre; estado pode fechar fronteiras” e ilustra a notícia (Figura 8) com uma fotografia da situação precária do abrigo dos imigrantes em Brasiléia, Acre, além de classificá-los ora como refugiados, ora como imigrantes, outro ponto de discussão e divergência na mídia impressa brasileira: qual o termo correto para definir estes migrantes: imigrantes ou refugiados?

Figura 8 – Exemplo de notícia sensacionalista sobre a imigração haitiana

CIDADANIA

Compartilhar 2 | G+ | 1 | tweetar 4

REFUGIADOS

Haitianos correm risco humanitário no Acre; estado pode fechar fronteiras

Imigrantes entram pela divisa com o Peru e já são 70 por dia; abrigo para 300 pessoas está servindo de moradia precária para 1,2 mil pessoas, inclusive mulheres e crianças

por Diego Santorato, da RBA | publicado 16/01/2014 17:46

São Paulo – O secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão, aconselhou o governador Tião Viana (PT) a solicitar o fechamento das fronteiras com Bolívia e Peru após o município de Brasileia ficar superlotado com refugiados haitianos. Ele realizou hoje (16) uma inspeção no acampamento montado desde 2010 para receber os haitianos que começaram a fugir em massa para o Brasil depois que a maior parte do país foi devastada por três terremotos, e constatou grande risco para a segurança dos imigrantes.



“Em um local onde temos capacidade para receber 300 pessoas, hoje temos 1,2 mil refugiados. A situação é insustentável. Não temos comida, água potável e colchões para todos, e há risco de que essa situação precária leve a outras tragédias, como a proliferação de doenças ou um incêndio”, lamentou o secretário. Entre os refugiados, há 161 mulheres e dez crianças, que serão os primeiros removidos para a capital Rio Branco, onde o governo estadual espera encontrar uma solução definitiva para sua estadia no Brasil. “Já temos *know how* com esta situação. Desde 2010, 15 mil haitianos entraram no Brasil pelo Acre, e nós os ajudamos a encontrar emprego e moradia. Mas agora estamos lidando com gente demais de uma só vez”, explica Mourão.

Haitianos no abrigo provisório de Brasileia, no Acre, aguardam oportunidade de moradia fixa e emprego no Brasil

Fonte: Revista Brasil Atual, do dia 16 de janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/01/haitianos-correm-risco-humanitario-no-acre-estado-pode-fechar-fronteiras-8514.html>.

Todavia, foi neste tipo de abordagem que se pôde verificar os elementos que mais caracterizam esta perspectiva descolonial, ao passo em que trata a fronteira como um lugar vivo, de práticas e trocas transfronteiriças, de assistência ao imigrante e de presença de um Estado que assiste e não que evita ou proíbe as migrações. Porém, tal perspectiva aparece em escala menor do que a das demais abordagens trabalhadas nesta pesquisa.

Conclusões

O presente ensaio buscou analisar alguns exemplos da mídia impressa brasileira no que se refere à imigração haitiana com direção ao país após o ano de 2010, bem como o papel das fronteiras na construção da notícia e transmissão da informação ao público leitor.

Posto isto, identificou-se a predominância de duas formas de abordagem pelos veículos de imprensa, conforme a hipótese inicial: 1) abordagem tradicional, que coloca o imigrante como indivíduo-objeto, majoritariamente de forma negativa e prejudicial à sociedade, e tendo as fronteiras como um lugar sem vida, disponível aos interesses do Estado

para o controle de ingresso no território brasileiro, como se fosse constituída plenamente de muros e portões; 2) uma tentativa de abordagem descolonial, dividida entre a denúncia da situação crítica dos imigrantes, sob uma perspectiva humanitária, e o uso do assistencialismo e solidarismo, como forma de notícia sensacionalista, porém, aparecendo em ambas um aspecto da fronteira como viva, espaço de práticas, costumes e trajetos.

Todavia, nos veículos analisados ainda se percebe o uso indiscriminado de expressões como “imigrante ilegal” e a confusão entre imigrante e refugiado, sabendo-se que ambos são distintos, tanto em suas motivações, trajetos e no próprio estatuto legal internacional. Também é perceptível o tratamento destas migrações em fluxo diário, com a continuidade da notícia, alterando-se apenas alguns dados quantitativos, tais como o número de imigrantes, e a cidade, trajeto, data e nacionalidade, levando-se inclusive a casos de repetição dos fatos sociais por publicações distintas.

Preocupante também é a profusão de comentários xenofóbicos por parte dos leitores nas páginas destas notícias, com unanimidade em todos os veículos consultados, além da circulação de notícias por jornais de grande circulação que pedem o envio de “relatos” sobre imigrantes em situação “irregular, ilegal ou clandestina”.

Considerando que o Brasil é um país formado em sua base demográfica por imigrantes, refugiados e seus descendentes, e que a imprensa já noticiara tais fatos sociais como positivos e profícuos ao desenvolvimento da nação entre o final do século XIX e primeiro quartel do século XX, é assaz preocupante a forma como se noticia atualmente a imigração de haitianos, senegaleses e migrantes de outras nacionalidades, especialmente provindos de países subdesenvolvidos; por mais que existam tentativas de se adotar uma perspectiva descolonial, a forma ainda é, em sua essência, *pari passu* à comunicação e linguagem da imprensa anglo-europeia.

Referências

ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1994.

ANTUNES, H. F. O modo de vida urbano: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth. **Ponto Urbe**, [s.l.], n. 15, p. 2-12, 15 jan. 2015. OpenEdition. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/2565>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

ARAÚJO, J. Haitianos pagam até R\$ 1,2 mil aos coiotes para entrar no Amazonas. **Diário do Amazonas**. Manaus, p. 1-4, 24 set. 2011. Disponível em: <<http://new.d24am.com/noticias/amazonas/haitianos-pagam-ate-r-12-mil-aos-coiotes-para-entrar-no-amazonas/36734>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

BERNARDES, N. **Bases geográficas do povoamento do estado do Rio Grande do Sul**. Ijuí: Unijuí, 1997.

BRASIL, K. **Acre vai desativar abrigo de haitianos em Brasília**. 2014. Disponível em: <<http://amazoniareal.com.br/acre-vai-desativar-abrigo-para-haitianos-em-brasileia/>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

BUCERIUS, S. M.; TONRY, M. (Eds.). **The Oxford handbook of ethnicity, crime, and immigration**. Nova York: Oxford University Press, 2014.

BURGES, S. W. Brazil as a bridge between old and new powers? **International Affairs**, [s. l.], v. 89, n. 3, p. 577-594, maio 2013. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-2346.12034/abstract>>. Acesso em: 01 out. 2015.

CHRISTIAN, D.; JACOBSEN, S.; MINTHORN, D. (Eds.). **Associated Press stylebook and briefing on media law 2013**. Nova York: Basic Books, 2013.

COLFORD, P. **“Illegal immigrant” no more**. 2013. Disponível em: <<https://blog.ap.org/announcements/illegal-immigrant-no-more>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

- CONECTAS DIREITOS HUMANOS. **Governo fecha abrigo para haitianos em Brasileia**. 2014. Disponível em: <<http://www.conectas.org/pt/acoes/politica-externa/noticia/17008-governo-fecha-abrigo-para-haitianos-em-brasileia>>. Acesso em: 28 nov. 2014.
- DORFMAN, A. A condição fronteiriça diante da securitização das fronteiras do Brasil. In: NASCIMENTO, D. M.; PORTO, J. L. R. (Org.). **Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa e segurança da Amazônia**. Belém: NAEA, 2013.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FERRAZ, L.; PRADO, A. **Sem dinheiro, haitianos passam fome em viagem do Acre a São Paulo**. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/05/1461655-sem-dinheiro-haitianos-passam-fome-em-viagem-do-acre-a-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 04 abr. 2015.
- GUAZINA, L. O conceito de mídia na Comunicação e na Ciência Política: desafios interdisciplinares. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 49-64, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/2469/1287>>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- HAESBAERT, R. Território, insegurança e risco em tempos de contenção social. In: FERREIRA, A. P. et al. (Orgs.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- JARDIM, D. et al. Televisão e sociabilidade em cenas de migração. **Estudios Sobre las Culturas Contemporáneas**, Colima, v. 16, n. 32, p. 127-153, jan. 2010. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3437717>>. Acesso em: 11 nov. 2015.
- MELO, S. H. D. O discurso de neutralidade na imprensa. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 29-40, dez. 2004. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.unisul.br/ojs/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/300/316>. Acesso em: 11 nov. 2015.
- OLIVEIRA, L. L. **Nós e eles: relações culturais entre brasileiros e imigrantes**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 2009. Disponível em: <http://201.31.162.84/cache/www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf?i-ch_args=7101f3c6467f72e2abff5e48b87a2765_1_0_0_10_8a3716cc89d5c33d1efa6879774493c3ba0191fa8e-032ce6117665a9619914cc_0_1_0>. Acesso em: 11 nov. 2015.
- PIORE, M. J. **Birds of passage: migrant labor and industrial societies**. Nova York: Cambridge University Press, 1979.
- RAMOS, E. H. C. L.; ARENDT, I. C.; WITT, M. A. (Orgs.). **A história da imigração e sua(s) escrita(s)**. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- REVISTA VEJA. Crescimento brasileiro absorve pobres do Haiti, por enquanto. **Revista Veja**, 15 jan. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/crescimento-brasileiro-absorve-pobres-do-haiti-por-enquanto>>. Acesso em: 25 nov. 2014.
- ROLLSING, C.; TREZZI, H. Novos imigrantes mudam o cenário do Rio Grande do Sul. **Zero Hora**. Porto Alegre, 16 ago. 2014. p. 1-7. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/novos-imigrantes-mudam-o-cenario-do-rio-grande-do-sul-4576728.html>>. Acesso em: 19 nov. 2014.
- RÜCKERT, A.; CARNEIRO FILHO, C. P.; UEBEL, R. R. G. Cenários de Transfronteirizações na América do Sul: alguns exemplos de pesquisas recentes. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, v. 10, n. 18, p. 159-181, jun. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/936/882>>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- SEIXAS, R. J. S. **Soberania hobbesiana e hospitalidade em Derrida: estudo de caso da política migratória federal para o fluxo de haitianos pelo Acre**. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Centro Universitário UNIEURO, Brasília, 2014.
- SIMON, R. J.; ALEXANDER, S. H. **The ambivalent welcome: print media, public opinion, and**

immigration. Westport: Praeger, 1993.

STRASSBURGER, T.; COSTA, S. O. As práticas socioculturais fronteiriças presentes/ausentes nos discursos institucionais e jornalísticos dos periódicos Folha de São Borja e A Plateia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL AMÉRICA PLATINA, 5., 2014, Dourados. **Anais do V Seminário Internacional América Platina**. Dourados: UFGD, 2014. p. 1 - 10. Disponível em: <http://www.seminarioamericaplatina.com/restrito/trabalho/Tabita-Strassburger-301014-2359-Artigo_Tabita_Stefânia.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2015.

UEBEL, R. R. G. **Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul no início do século XXI**: redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa. 2015. 248 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/117357>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

URETA, I. (Ed.). **Media, migration and public opinion**: myths, prejudices and the challenge of attaining mutual understanding between Europe and North Africa. Nova York: Peter Lang, 2011. ZERO HORA, Porto Alegre, 25/05/2015. Disponível em < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/05/programa-de-controle-de-fronteiras-corre-risco-de-ser-paralisado-4768322.html>>